

**RELAÇÕES DE ALTERIDADE EM ROMANCE PÓS-MODERNO DA  
LITERATURA BRASILEIRA “O INVASOR” – MARÇAL DE AQUINO**

**Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB)<sup>i</sup>  
Mestranda Waldívia de Macêdo Oliveira (UEPB)<sup>ii</sup>**

**RESUMO:**

Este artigo discute, a partir da noção de alteridade, as relações existentes entre vida e narrativa do ponto de vista, e da experiência de seu autor assim como a reflexão feita por ele a partir de sua obra. Para isso, tomamos como ponto de partida a obra, *O invasor*, do escritor Marçal Aquino (2011) como representação das minorias e suas relações de alteridade. A análise proposta nos ajuda a considerar determinados aspectos da vida das favelas, dos guetos, das periferias das grandes cidades brasileiras na contemporaneidade, verificando também como essas literaturas de demandas coletivas instituem-se como discursos constituintes em contextos culturais hierarquicamente construídos.

**Palavras-chave:** literatura, alteridade, contemporaneidade.

**INTRODUÇÃO:**

Compreender o contemporâneo não é algo fácil, até porque, conceitualmente têm-se fixado uma separação entre experiência e conhecimento, ou seja, um conceito de que só se podia apreender o sentido das coisas, compreendê-las, se de alguma maneira elas já estivessem prontas, acabadas, terminadas. Alguns estudos filosóficos e das ciências sociais, feitos nas últimas décadas nos mostram que essa separação já não existe, ou pelo menos ela não existe em nossa atual maneira de conceber a experiência e o conhecimento.

As estruturas de compreensão e interpretação que opunham experiência e conhecimento não puderam assimilar o verdadeiro propósito da arte modernista e da modernidade, pois ocultaram e distorceram a real missão do período modernista que é a redescoberta das intensidades reais da experiência. E para isso, buscamos a partir da obra do escritor Marçal de Aquino, *O invasor* (2011) capturar essas intensidades reais da experiência vivida no pós-moderno, as tensões experimentadas nas favelas das grandes cidades, a vida do homem comum, as reivindicações das culturas de massa, do pensamento coletivo. As culturas de massa como a música (rock, hap, funk), a televisão, o cinema e diversas formas populares se expandiram, ganharam espaço no final do século XX e início do XXI, com isso começaram a reivindicar das entidades acadêmicas parte da seriedade das formas culturais superiores, e a academia os atendeu, acolhendo

toda essa produção e anexando-as à cultura contemporânea. Mas não tem sido tão fácil assim canonizar a produção contemporânea, principalmente a brasileira, pois é necessário que esses trabalhos, hoje reconhecidos (como arte) pela academia instituem seus discursos, legitime-os como autossuficientes, como autoridade.

Esse trabalho também implica uma autorreflexividade, pois devemos tentar compreender o pós-moderno e o debate sobre ele verificando sua forma e seu conteúdo, observando o que é posto nele em primeiro lugar e sua problemática a partir de uma auto compreensão, pois vivemos o momento tal de nossos estudos. E nesse momento, nos deparamos com conceitos muito importantes, mas ainda pouco experimentados, conceitos sobre a responsabilidade do ser, sobre o seu próprio ato, que segundo Bakhtin (1993), o ser é um evento em processo, o ser que age e é responsável por sua ação única e unitária, que só acontece uma vez de uma única maneira. O Ser-evento em processo é justamente esse ser que age, que experimenta, que vivencia o mundo real da vida, ele é aquele que no ditado popular “faz e acontece”. Além disso, nos deparamos sobre o dilema de estarmos sempre nos referindo a dois mundos distintos que, segundo a crítica da teoria estética, não se encontram nunca, absolutamente não se comunicam, esses mundos são o mundo da cultura e o mundo da vida. O mundo da cultura é o mundo da abstração e o mundo da vida é o mundo das ações verdadeiramente e realmente experimentadas, o mundo no qual criamos, conhecemos, contemplamos, concebemos, rejeitamos etc. Contrariamos o conceito da teoria estética ao perceber que estes mundos comunicam-se, sim, relacionam-se sempre.

Diante da problemática que se coloca, surgem-nos questionáveis indagações acerca do tema: como a sociedade ocidental pensa, hoje, o ser em processo, dentro de um discurso no qual os *ethe* ali presentes não mais correspondem a modelos já estereotipados pela literatura clássica, mas sim, àqueles que foram sempre colocados à margem de toda produção artística e literária? Como pensar a respeito dessas novas formas de se vê o mundo concreto a partir de produções literárias que denunciam a sociedade, friamente, assim como ela mesma se impõe, do ponto de vista das culturas de massa? Quais são as relações de alteridade se formam numa sociedade bipartida, que segrega o *empobrecido* uma posição de inferioridade hierarquicamente em relação àqueles abastados econômica e materialmente?

Essas questões estão diretamente vinculadas às imagens criadas por narrativas já consagradas, mas que não se sustentaram na pós-modernidade através não tão somente das narrativas literárias, que nos servem de lócus para o estudo, mas também através das várias formas de relacionamento entre os seres humanos. A visão romântica perde o seu lugar para uma visão realista. No pós-modernismo há uma busca a valores concretos do real, o discurso da pós-modernidade se sobrepõe a outros discursos já ultrapassados, o discurso da cultura de massa se auto afirma como discurso constituinte dessa época, até porque os discursos constituintes caracterizam determinadas categorias da produção

escrita como a literatura, a produção científica, filosófica, religiosa, etc. Esses discursos têm a pretensão de serem tão superiores quanto todos os outros discursos já institucionalizados, pois o discurso constituinte se acha em uma posição privilegiada em relação aos outros discursos (sejam eles constituintes ou não). Esses posicionamentos são a memória de determinados grupos da sociedade, nas quais são produzidos e geridos os textos constituintes, e apenas a esses grupos determinados cabe à avaliação para os seus discursos.

Para tanto nos propomos a estudar a relação existente entre vida e narrativa, as representações das minorias e da alteridade, observando que a literatura retrata a vida cotidiana do homem comum e a partir desse tipo de literatura temos a transformação desta em uma literatura de demandas coletivas, verificando também como essas literaturas de demandas coletivas instituem-se como discursos constituintes em contextos culturais hierarquicamente construídos. Esse estudo nos será possibilitado a partir das noções de *Ser-evento* de Mikhail Bakhtin (1993), de *Ethos* em Dominique Maingueneau (2008), *Alteridade* em Arruda (1998), dentre outros; também nos propomos a analisar como a indissociabilidade entre vida e narrativa transforma a literatura, tendo em vista uma proliferação de obras essencialmente narrativas que são escritas do ponto de vista de um autor das periferias brasileiras, sobretudo das favelas das grandes cidades, colocando em cena a sua realidade, as paisagens marginais, seu cotidiano e suas relações “vitais”; além disso, demonstrar como a relação vida e narrativa problematiza o conceito de literatura tal qual se institui na pós-modernidade com o próprio discurso pós-moderno do fim da narrativa. Pois, segundo Maingueneau, “o que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas a sua difícil união”, a vida não está na obra, nem a obra na vida, mas se entrelaçam, ambas reciprocamente.

O contexto social sempre foi um dos maiores inspiradores para a produção literária, na verdade, o contexto social serve de espelho para a criação, aquilo que não se pode realizar concretamente (realmente) é realizado através de produções escritas que recriam o imaginário individual e coletivo. Essa produção ao longo do tempo foi se transformando e o que se tem na pós-modernidade não são mais produções baseadas em sonhos, no inatingível, mais sim, uma produção literária baseada no real, na vida cotidiana do homem comum, no que diz respeito às relações sociais e sua influência sobre a literatura, moldando-a e contornando-a, dando-lhe novos caminhos.

O discurso das demandas coletivas e das culturas de massa denunciam as relações entre classes sociais, os modelos e experiências de vida, as representações das minorias e das relações de alteridade e relações de poder implicadas na análise dos discursos constituintes, no conceito de *ethos* e nas relações (crises) de alteridade, justifica esse estudo a partir do momento que nos propomos a ampliar a visão de literatura assim como pretensamente o conceito de cultura (principalmente a popular), estudando essas influências da e na literatura até então limitadas a um conceito baseado

exclusivamente em critérios estéticos, mas que porém, não refletem mais a produção literária contemporânea que não se resume apenas ao estudo dos grandes e privilegiados textos, mas também ao estudo de textos menos nobres (por assim dizer), porém, igualmente necessários. A nossa pesquisa se propõe a revelar e responder questões diretamente vinculadas às questões das relações sociais entre demandas coletivas e não coletivas. A noção de *ethos* posta por Maingueneau pode ser associada a variados conceitos: se se traduz ethos por caráter, podemos concebê-lo de forma mais concreta ou mais abstrata a partir de imagens, costumes oratórios, feições, ar, tom; privilegiando um ou outro desses traços do caráter, ou ainda num conceito mais amplo, o de coletividade (do qual nos deteremos neste trabalho), nesse caso, a noção de *ethos* passaria a estar ligada aos hábitos locucionais partilhados por membros de uma comunidade. Porém, dentre as várias possibilidades de *ethos*, a noção discursiva é aquela que mais se enquadra em nossos estudos. A noção de *ethos* “permite articular corpo e discurso para além da oposição empírica entre oral e escrito” (Maingueneau, 2008, p. 17).

O *ethos* resulta, então, de uma série de fatores, dentre eles: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. No *ethos* discursivo temos o *ethos* *mostrado* e o *dito* são aqueles que se apreende a partir de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação diretamente ou indiretamente através de metáforas ou alusões. Após a junção dessas informações chegamos ao *ethos* *efetivo* que dá origem aos *esteriótipos ligados aos mundos éticos*. Quando lemos um texto que não pertence a nossa realidade sócio-histórica sentimos dificuldade em reconhecer os *ethos* ali inscritos, pois os mundos éticos e os *esteriótipos* formados perderam seus conceitos ao longo do tempo. Com a literatura contemporânea não é diferente, na novela *O invasor* (Aquino, 2011), temos: “Gostou? Alto nível meu chapa. Acha que eu ia convidar você se não fosse material de primeira?” ( p. 21); como também em: “Eu tinha certeza que uma hora esse porra do Alaor ia nos causar problemas, Estevão diz e olha outra vez para a foto na parede. Você sabia que ele tem outros negócios paralelos?” (p. 39)

O livro “O invasor” narra a história de dois amigos (Ivan e Alaor) de classe média alta, engenheiros, que resolvem matar um terceiro amigo (Estevão), sócio majoritário da empresa na qual trabalham para poder assumir totalmente o poder da mesma; para isso, decidem contratar um assassino profissional (Anísio) que descobre o objetivo dos dois e resolve fazer parte da empresa também. A partir daí Anísio começa a ter um caso com Marina, a filha de sua vítima, que após a morte do pai se torna herdeira da empresa de engenharia.

Os conflitos desenvolvem-se entre os três personagens, Ivan, Alaor e Anísio, e as relações de alteridade entre eles se exacerbam pelas formas de se estabelecer a diferença implicada na relação de poder que tanto Alaor quanto Ivan tentam exercer sobre Anísio tendo em vista a condição social hierarquicamente superior dos dois

primeiros em relação ao terceiro. *O invasor* pressupõe alteridades, é um livro sobre alteridades. Estão todos em lugares diferentes: Ivan, Alaor, Anísio, ou seja, cada um pressupõe e lida com modos de vida diferentes.

Segundo Jodelet (1998) não é possível tratar a alteridade de uma forma geral, pois frequentemente lhe é associada uma noção de exclusão. Pode-se ter de forma isolada uma definição econômica, sociológica, política, jurídica etc. do objeto de exclusão.

Pode-se mesmo dizer que, em relação a exclusões socialmente produzidas, ela procura mostrar como as dimensões simbólicas e das ideias, os processos cognitivos e psicológicos implicados nas relações sociais, características de um estado de sociedade, conjuntural ou estrutural, afetam o vínculo social e fazem passar de um estatuto de exclusão a um estatuto de diferença e de alteridade. (JODELET, 1998, p. 50)

O objeto alteridade encontra-se situado no plano do vínculo social, da relação do *ego* e do *alter* – ela é exatamente este vínculo, sem pertencer ao *ego* ou ao *alter*, mas representando a relação social em torno da diferença, ou de uma diferença. Já para Lévinas (1997): “A individualidade do eu se distingue de toda individualidade dada, pelo fato de sua identidade não ser feita do que a distingue dos outros, mas de sua referência a si”.

Advertimos para as diferentes formas de relação social marcadas pela dominação – dominante e dominado – no Brasil contemporâneo, ou seja, para se prevalecer enquanto dominante, este se utiliza da potência do excluído a partir de relações escusas, subterrâneas com aqueles que são vítimas de sua (dominante) opressão e/ou exploração numa inserção hierarquizada e compartimentada socialmente.

As relações sociais firmadas entre dominante e dominado podem ser ilustradas com os seguintes trechos do livro “O invasor” de Marçal de Aquino (2011) que enfatiza as relações de dominação já citadas.

[...] A gente precisa se livrar desse louco o quanto antes.  
O Anísio é um psicopata, Alaor. Viu a calma dele? E o pior é que fica andando por aí com aquele monte de provas no bolso.  
Alaor passou a mão no rosto. Ainda estava perturbado.  
Amanhã, a gente fica livre dele. (AQUINO, p. 73)

Ao passo que Ivan e Alaor precisam de Anísio para perpetuar sua hegemonia de dominantes, reforçam a descartabilidade do dominado, tentando livrar-se e omitir a relação que implica num posicionamento não ético, não pela própria relação, mas pelas conjunturas e negociatas (socialmente recusadas), feitas nesta relação.

Na tarde daquele dia, Anísio havia entrado na minha sala acompanhado por um mulato barrigudo.

Este é o Claudino, meu compadre, ele disse. Sou padrinho da filha dele.

E explicou a situação: o homem estava desempregado havia meses e, como não achava trabalho, planejava abrir um bar na periferia em que morava. Precisava de um empréstimo para isso.

E eu disse a ele que tinha uns amigos (grifo nosso) que podiam ajudar, Anísio comentou. (AQUINO, p. 90)

Nesse momento da narrativa, Anísio toma uma liberdade que não lhe é concedida, ele exige que Ivan e Alaor forneçam o empréstimo para Claudino. Ivan e Alaor se sentem ameaçados por Anísio, não só pelo medo de serem mortos por ele, mas também pela possibilidade de Anísio infiltrar-se na sociedade da empresa e junto com ele, uma gama de indivíduos como ele passarem a adentrar ao grupo ao qual eles pertencem. As representações sociais e simbologias em torno dos arquétipos humanos reforçam a teoria culturalmente estabelecida da distância entre dois mundos, o dos economicamente abastados e o dos empobrecidos. A imagem e os conceitos que se formam em torno dos grupos podem ser demonstrados a partir de uma estrutura matemática, em que A não pertence a B, B não pertence a A e sob o olhar da sociedade ocidental, especificamente no Brasil contemporâneo, não há interseção entre esses conjuntos, no Brasil, essas relações entre as classes não se firmam muito claramente, apesar do tipo de trabalho material e imaterial que se pede dos pobres e excluídos, da exploração de sua potência “intelectual”. Ou seja, não há como negar a forte relação entre os grupos, entre as alteridades no Brasil da contemporaneidade.

A alteridade é o produto de um duplo processo de construção e de exclusão social; sua abordagem deve compreender, de maneira conjunta, os níveis interpessoal e intergrupar, dada que a passagem do próximo ao alter supõe o social, através da pertença a um grupo que sustenta os processos simbólicos e materiais de produção de alteridade. (JODELET, 1998, p. 60)

Essa colocação de Jodelet refere-se à exclusão enquanto processo discriminatório, que não é o caso em *O Invasor*, mas sim, a compreensão dos processos simbólicos e materiais dados nas relações de alteridade que não implicam necessariamente a exclusão, pois dentro de um mesmo grupo de referência há diferenças, logo, alteridade. A hierarquização em relação a Anísio não significa uma relação de exclusão, não obstante, ela o impulsiona ao contraponto de tornar-se parte, pertencer, é a potência do pobre que lhe dota de “utopia” igualitária e o incita à luta. Essa “utopia” seduz “empobrecidos” ao desejo da participação social completa e igualitária. “Vocês estão ganhando dinheiro por minha causa, ele disse, sem tirar os olhos do meu rosto.” (AQUINO, 2011, p.91) É assim que surgem as medidas simbólicas e práticas que os asseguram em posição de alteridade.

### **CONCLUSÃO:**

A elaboração simbólica sobre o risco e ameaça é evocada pela proximidade com o outro, esse sentimento de semelhança corre o risco de conduzir à identificação e assimilação que os insere, o *mesmo* e o *outro*, numa mesma matriz social. Em nosso objeto de estudo, *O invasor*, as personagens principais tentam de toda maneira e através de todos os meios de expressão social inferir sobre o *outro*, por isso o nome *invasor*, afirmando a alteridade do empobrecido como hierarquicamente, socialmente e culturalmente inferior.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARRUDA, Angela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BAKHTIN, M.M.. *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos A. Faraco, Cristovão Tezza. (Texto completo da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*), 1993.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. – Vinhedo, Editora Horizonte. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Literatura e vida*. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_ ; GUATTARI, Félix. *Kafka – Para uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. Coord. Trad.: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

<sup>i</sup> Luciano Barbosa JUSTINO, Dr. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Departamento de Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade

<sup>ii</sup> Waldívia de Macêdo Oliveira, Mestranda. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade  
walletras@hotmail.com